

ANTUNES, António Lobo. *Boa tarde às coisas aqui em baixo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Denis Leandro Francisco  
Universidade Federal de Minas Gerais

**B**oa tarde às coisas aqui em baixo, de António Lobo Antunes, foi selecionado para concorrer ao prêmio Portugal Telecom de Literatura em Língua Portuguesa 2007, passou à segunda fase do prestigiado concurso e foi classificado como finalista, mas *Jerusalém*, do também português Gonçalo Tavares, acabou recebendo a premiação. Esse curioso “romance em três livros com prólogo e epílogo”, conforme se pode ler nas suas páginas de abertura, evoca em seu título uma frase singular e “intraduzível” – singularidade e intraduzibilidade que irão se reafirmar ao longo dessa vasta narrativa que cruza espacialidades portuguesas e angolanas numa

torrente de memórias atormentadas.

Não é sem razão que os diversos narradores que se alternam e se confundem em meio à convulsão narrativa desses excertos de histórias reclamam ajuda para narrar suas vidas irremediavelmente esgarçadas: “Tão difícil explicar-me, de que maneira explicar-me, como se diz isto, quem me ajuda a contar, a ser a pá que desperta o sono, dilacera a garganta da terra e traz à luz os ossos sob as folhas secas?”<sup>1</sup> Também o leitor, ao percorrer páginas e páginas da mais extenuante dispersão do acontecimento romanesco, vê-se impelido a abandonar sua tradicional atitude de investigador dos fatos narrados e aceitar que a esse quebra-cabeças ficcional faltam incontáveis

---

<sup>1</sup> ANTUNES, 2003, p. 45.

peças – ou que para se jogar o jogo da leitura desse romance antuniano há que se aprender a jogar com peças que, aparentemente, não se encaixam.

Uma mulher de nome Marina mostra a um sujeito anônimo o que julga ser a casa onde vivera, há vinte anos, na Muxima – vila e município da província do Bengo, em Angola. Lampejos de tropas do governo, cubanos, mercenários de toda ordem – franceses e belgas, negros e brancos –, praias transformadas num baldio de misérias, repletas de indigentes, de cegos e crianças de muletas – “visto que todas as crianças usam muletas em Angola”<sup>2</sup> – constroem um panorama de uma Angola pós-descolonização e pós-esperança, nessa cena continuamente entrecortada pela voz da tal mulher a afirmar reiteradamente: “– Esta era a casa”. Essa casa, invadida pela erva, afogada em destroços, a arder em chamas desde a fundação até o teto, terá, logo em seguida, o que restou de suas paredes derrubado por um trator conduzido por essa mesma mulher que, ao que parece, deseja, a todo custo, soterrar o passado – ou o que quer que tenha sobejado dele. Tradicionalmente, o prólogo consiste em uma cena introdutória

na qual se fornecem dados prévios elucidativos do enredo da peça – ao menos assim se dava na tragédia, no antigo teatro grego. Em *Boa tarde às coisas aqui em baixo*, o prólogo, acima brevemente descrito, algo se exime de elucidar o que quer que seja, cabendo ao leitor do texto antuniano, muito mais do que se exigia do espectador da tragédia grega, empenhar-se na busca de relações e diálogos entre o que ali revoltamente se apresenta e o que se desenvolverá nos capítulos subseqüentes.

O primeiro livro alterna as histórias de Seabra, agente enviado a Angola pelo “Serviço” – um órgão militar português não-oficial –, e dessa mesma Marina, africana mestiça, filha de pai negro e mãe branca, sobrinha de um procurado contrabandista de diamantes. A tarefa do agente Seabra é localizar os diamantes que estão em poder do tal contrabandista e, claro, eliminá-lo. Mas ocorre que, um a um, esses agentes enviados à ex-colônia portuguesa, estranhamente, não retornam de suas missões, desaparecendo sem deixar vestígios, como se devorados pela terra de África, e tendo de ser substituídos por outro, e outro e mais outro, como touros continuamente

---

<sup>2</sup> ANTUNES, 2003, p. 19.

abatidos em um espetáculo de arena.

O segundo livro é narrado pela voz de Miguéis, novo agente enviado para limpar os rastros deixados pelo seu antecessor – incluindo este próprio – e recuperar as pedras. Em meio a confusas e variadas referências a ordens e relatórios, mapas e coordenadas, fronteiras e rios, perpassam considerações subjetivas e reminiscências de coisas irrecuperáveis – que vão desde pais que se tenta, sem sucesso, agradar e copiar, passando por vidas conjugais desfeitas e filhos que não respondem à demanda de afeto de seus pais e vice-versa, até escarnekedores patos de plástico da infância –, coisas irrecuperáveis e que, contudo, não cessam de perseguir esses sujeitos, persistentes “como certas memórias, certos remorsos, certos ecos compridos, o apito dos navios por exemplo mesmo depois dos navios, durante anos, a gente a cuidar que os esqueceu e o apito de volta”.<sup>3</sup> A voz insegura de Miguéis cede lugar – ou é inadvertidamente atravessada – às não menos débeis vozes de sua esposa e de sua filha – personagem que também oferece

uma versão de sua vida junto aos pais, recorda a partida do namorado e a visita de despedida que lhe faz o pai, a dor e o tormento da doença que a transforma em uma espécie de “espantalho” e a faz desejar uma única coisa: “que me deixem em paz sozinha comigo ou antes sozinha com isto que não sou eu e em que me tornei”.<sup>4</sup> Narradores que não se decidem sobre se áceres ou carvalhos, se este ou aquele nome, se Marimbanguengo ou se o Congo e para os quais qualquer tentativa de evadir essa vida de degradação e de remorsos afigura-se impossível, “dado ser tarde compreende, não apenas tarde para mim, tarde para si também”.<sup>5</sup> Tarde, sem exceção, para todos.

O terceiro livro acompanha a peregrinação de um grupo de cinco homens, todos ex-agentes dissidentes do Serviço português, pela mata de Angola, na tentativa desesperada de alcançar a fronteira com o Congo, carregando os diamantes que serão contrabandeados. Perseguidos por militares e americanos que tentam resgatar as jóias, esses pobres touros desgarrados rememoram suas vivências cotidianas e nada exemplares, em meio à tensão e

---

<sup>3</sup> ANTUNES, 2003, p. 278.

<sup>4</sup> ANTUNES, 2003, p. 333.

<sup>5</sup> ANTUNES, 2003, p. 343.

iminência de uma morte inevitável. Intercalando dialogicamente, cada um dos dez capítulos que compõem essa parte, a voz de cada um dos cinco fugitivos à voz de Morais, o agente que os persegue, esse último livro constitui-se em uma explosão de imagens do passado embaralhadas às cenas atuais que convergem para a emboscada da qual esses homens se aproximam. Gonçalves, com seus pais, mães e cães a saltitarem raivosamente da memória; Mateus, que se perde nas confusas linhas do mapa que carrega e que mal lê e nas não menos confusas recordações de filhas, esposas e padres pedófilos; Mendonça, que sonha abrir um café na Argentina enquanto é dilacerado pela origem mestiça da irmã – a quem amava e odiava amar; Sampaio, traidor contratado pelos americanos para conduzir o grupo ao local da armadilha, com sua onipresente imagem de uma irmã levada de casa ainda criança pelo pai e que não lhe concede um só instante de paz; Tavares, que, ferido no joelho, põe-se a recordar as últimas e ambivalentes férias passadas com a família em Portugal; e, finalmente, o próprio agente Morais, perseguidor que é ao mesmo

tempo perseguido, também ele, por uma esposa, uma mãe ausente sob a chuva, um filho e comboios do passado. Nessa narração absurdamente insegura e provisória, que se erige sobre a incerteza, sobre a desordem irrevogável da desmemória – “não estou bem seguro e já não estou seguro de nada”<sup>6</sup> –, nada de permanente irá se afirmar ou, talvez, um único elemento se projete no texto, após o desaparecimento, de uma forma ou de outra, de todas as personagens, todas as reminiscências e de todo o narrado: a terra vermelha (ou amarela?) de Angola, a tragar indistintamente tudo e todos para o seu interior, “porque tudo pertence à terra em Angola, as nuvens, por exemplo, que bem as noto a descer no capim, as pessoas e as casas que regressam ao chão depois de se agitarem um momento numa pergunta a que nada responde”.<sup>7</sup> Finalmente, o epílogo consiste em uma inusitada redação infantil, redigida por uma garotinha a mando do professor de Português, sobre as “férias grandes” que passou com a família a bordo de um iate em Luanda. A paisagem paradisíaca e de calma apresentada nessa cena final contrasta com as imagens de caos, desespero e miséria da

---

<sup>6</sup> ANTUNES, 2003, p. 216.

<sup>7</sup> ANTUNES, 2003, p. 100.

guerra pelas riquezas que brotam do solo angolano. A ingenuidade que emana da narrativa da criança, assim como a simplicidade da forma de sua expressão escrita, por sua vez, opõem-se à ferocidade da narrativa como um todo, bem como serve de afronta à ganância dos adultos que mandam e desmandam, para garantir interesses próprios, nas terras e nas vidas alheias. Reunindo, em uma mesma massa “amorfa”, raças, classes sociais, temporalidades e espacialidades heterogêneas e disjuntivas, a narrativa “Líquida” de Lobo Antunes expõe a violenta degradação imposta a sujeitos em sua luta por

uma improvável emancipação. A incômoda irresolução do narrado – com seu sentido errante que circula incessantemente sem se fixar em parte alguma da escrita – faz ecoar a afirmação, enunciada por um dos narradores, de que a existência é uma pergunta à qual nada responde. Frente às coisas inacreditáveis desse mundo de “aqui em baixo”, como intui prematuramente a criança que escreve, apenas o assombro e a estupefação: “e a próxima vez que o filho do caro almirante despertar as calças juro que lhe toco para ter a certeza que aquilo que me mostrou é verdade”.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> ANTUNES, 2003, p. 565.